



Entre a “civilização” e a “cultura”:
narrativas sobre a nação em Cabo Verde

Between “civilization” and “culture”:
narratives about the nation in Cape Verde

*Juliana Braz Dias**

Resumo: Este trabalho aborda o modo como as noções de “civilização” e “cultura” foram acionadas no processo político-intelectual de construção de narrativas sobre a nação em Cabo Verde. Tem em foco o projeto de nação forjado pelos escritores que participaram do movimento literário conhecido como Claridade. Os textos por eles publicados entre as décadas de 1930 e 1960 são aqui analisados a fim de observar a maneira como articularam discursos a um só tempo particularistas e universalistas. Investigam-se os meandros de uma narrativa ambivalente que buscou conciliar a construção da singularidade cultural de Cabo Verde e a afirmação da potencialidade civilizatória do homem cabo-verdiano – tudo isso partindo de uma concepção de civilização que tinha na Metrópole seu referencial.

Palavras-chave: Cabo Verde; civilização; cultura; nacionalismo; Claridade.

Abstract: This work discusses how the concepts of “civilization” and “culture” were triggered in the political-intellectual process of elaborating national narratives in Cape Verde. It focuses on the national project forged by writers who joined the literary movement known as Claridade. Their works, published between the 1930s and 1960s, are scrutinized in order to observe how they could articulate at once particularistic and universalistic discourses. It aims at investigating the intricacies of an ambivalent narrative that sought to make compatible the construction of Cape Verde’s cultural uniqueness and the statement on the civilizing potential of the Cape Verdean man, based on a concept of civilization that had the Metropolis as reference.

Keywords: Cape Verde; civilization; culture; nationalism; Claridade.

* Pós-Doutorado na Stellenbosch University, SUN, África do Sul.

A ideia de civilização ocupou um lugar de relevo ao longo de toda a história do pensamento ocidental.¹ Podendo ser reportada à Antiguidade Clássica e perseverando até a atualidade, foi, contudo, no decorrer do século XVIII que a categoria alcançou maior importância, informando de maneira especial o pensamento iluminista. Supondo um contraste fundamental entre civilizados e não-civilizados, contraste este capaz de dar sentido à diversidade humana com que se deparavam os europeus em seus projetos expansionistas, a categoria “civilização” guiou a atitude do homem europeu no encontro com a alteridade.

Ao lado da ideia de civilização, a noção de cultura também foi progressivamente consolidando-se no pensamento ocidental. Ambos os conceitos têm grande amplitude, variabilidade e ambiguidade, o que impossibilita que a distinção entre eles seja rigidamente definida. Por vezes aproximando-se a ponto de se tornarem sinônimos; em outros momentos apresentam-se em franca oposição. Neste artigo, tenho em foco a noção de civilização que prevaleceu durante o Iluminismo e que influenciou em larga medida os períodos subsequentes. O conceito implica fundamentalmente a existência de um modelo de organização sociocultural supostamente almejado por todos e capaz de encerrar em uma única ordem hierárquica a humanidade em sua totalidade. Neste sentido, o conceito de civilização contrapõe-se à ideia de cultura, aqui definida com referência às noções de especificidade e originalidade de um povo. Tal distinção pode também, em certa medida, ser percebida em termos da oposição entre universalismo e particularismo. No entanto, a ênfase na ideia de civilização me parece especialmente interessante para a discussão aqui proposta uma vez que, além de remeter a um caráter de universalidade, ela mantém as noções de hierarquia e poder.

Mesmo quando apresentados em relativa oposição, os conceitos de civilização e cultura encontram-se profundamente interligados e sujeitos a contínua negociação. Isso pode ser observado, sobretudo, nos processos de construção da nação, como pretendo desenvolver neste trabalho. O processo político-intelectual de elaboração de uma ideologia nacional tem se revelado muitas vezes como uma tentativa de conciliação entre a afirmação de uma identidade cultural e a reivindicação acerca da civilização. Neste sentido, bastante ilustrativo é o processo de construção da unidade nacional alemã. A afirmação da especificidade do espírito nacional alemão teve sempre como pano de fundo uma reação ao domínio da civilização francesa. O discurso acerca da igualdade dos povos e da incomensurabilidade das culturas, tão bem elaborado pelo filósofo Johann Gottfried von Herder (1744-1803), caminhou lado a lado com projetos de soberania universal, cujo fundamento era a superioridade da cultura nacional alemã.²

Os produtores de ideologia europeus não foram os únicos a participar desse recorrente e sempre ambíguo processo de negociação entre “civilização” e “cultura”. Também nos casos de elaboração de ideologias nacionais por parte das elites intelectuais de colônias e ex-colônias de potências europeias, esta questão muitas vezes manteve sua centralidade. Numa espécie de reprodução do discurso colonial, os processos internos às (ex)colônias revelaram a persistência de uma reivindicação pela civilização, sem que fossem deixados de lado os projetos de construção da identidade cultural. Nomeadamente nos momentos cruciais pré e pós-independência, quando a

¹ Este trabalho foi concluído durante uma visita técnica ao Centro de Estudos Africanos da Universidade de Michigan, com financiamento da Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF).

² DUMONT, Louis. *German Ideology: from France to Germany and back*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

questão do poder assumia especial significado, “cultura” e “civilização” apareceram, de modo frequente, como duas importantes ferramentas na fundamentação da nação a ser estabelecida.

Neste artigo, procuro abordar parte do processo de construção de narrativas sobre a nação em Cabo Verde, focalizando o discurso de um grupo de intelectuais locais – reunidos em torno da revista *Claridade* – e a maneira como lidaram com o referido dilema. Busco levantar as categorias que perpassaram o processo de elaboração de uma ideologia nacional e indicar algumas formas como foram negociados dois projetos ao mesmo tempo opostos e complementares. O empenho em tornar explícitos os caracteres que conformam a especificidade da cultura cabo-verdiana, paralelo a uma contínua aspiração à civilização, foi certamente crucial na realização de um projeto cujo fim último era construir as bases capazes de fundamentar a autonomia de uma nação cabo-verdiana. A questão que se coloca é como os intelectuais cabo-verdianos em foco tornaram possível esse trânsito entre as noções de cultura e civilização e entre a especificidade e a universalidade implícitas nestas categorias.

A revista *Claridade*

A análise aqui empreendida se restringe aos textos publicados nos nove números da revista *Claridade*. A *Claridade* foi uma revista literária de grande impacto no cenário cabo-verdiano entre as décadas de 1930 e 1960. Foi fundada na Cidade do Mindelo por uma geração de jovens escritores que frequentaram o Liceu, único estabelecimento de ensino secundário do arquipélago no período, inaugurado na Ilha de São Vicente em 1917. Os principais representantes desse movimento eram Baltazar Lopes da Silva, Manuel Lopes, Felix Monteiro, Jorge Barbosa e João Lopes. Tinham como proposta a construção de uma literatura cabo-verdiana autônoma, isto é, uma produção literária que estivesse à altura de uma nação que, muito antes de sua independência política, já começava a se pensar enquanto tal. Noto, para tanto, que o Estado e a nação em Cabo Verde nem sempre caminharam juntos. Se, como propõe Elias,³ a construção nacional é a etapa final de um longo processo de constituição do Estado, o caso cabo-verdiano parece sugerir a inversão dessa ordem.

A *Claridade* tem sido considerada por muitos críticos a revista mais importante da literatura cabo-verdiana, com profundo impacto na construção de uma narrativa sobre Cabo Verde e seu povo. O empenho dessa elite letrada na defesa de um regionalismo cabo-verdiano tem sido objeto de reflexão em variados estudos (ver, por exemplo, Anjos,⁴ Brookshaw,⁵ Fernandes,⁶ Franco,⁷ Furtado,⁸ Sapega⁹ e Veiga¹⁰).

³ ELIAS, Norbert. Processes of State Formation and Nation Building. *Transactions of the Seventh World Congress of Sociology*, v. 3, 1972, pp. 274-284.

⁴ ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre/ Cidade da Praia: Ed. UFRGS/ INIPCV, 2002.

⁵ BROOKSHAW, David. Cape Verde. CHABAL, Patrick; AUGEL, Moema Parente; BROOKSHAW, David; LEITE, Ana Mafalda; SHAW, Caroline (orgs.). *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*. Evanston: Northwestern University Press, 1996.

⁶ FERNANDES, Gabriel António Monteiro. *Em Busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/ Cidade da Praia: Editora da UFSC/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

⁷ FRANCO, António Cândido. *Exercício sobre o Imaginário Cabo-verdiano* (Simbologia Telúrico-Marítima em Manuel Lopes). Évora: Pendor, 1996.

⁸ FURTADO, Cláudio Alves. Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido. *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 49, n. 1, 2013, pp. 2-11.

⁹ SAPEGA, Ellen W. Notes on the Historical Context of *Claridade*. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, v. 8, 2002, pp. 159-170.

¹⁰ VEIGA, Manuel (org.). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.

O primeiro número da revista foi publicado em 1936. Em um período em que vigorava a rígida censura salazarista, o movimento Claridade constituiu-se como um importante meio de expressão para os intelectuais que reivindicavam a autonomia cabo-verdiana. O último número da revista foi publicado em 1966, nove anos antes da independência de Cabo Verde, que aconteceria em 5 de julho de 1975. As categorias elaboradas nos diversos textos publicados pela revista – entre poemas, contos, trechos de romances e artigos – até hoje influenciam em grande medida a definição da identidade cabo-verdiana. Seus fundadores ainda figuram como heróis nacionais e suas obras continuam a ser lidas nas escolas, referenciando uma versão oficial da nação em Cabo Verde.¹¹

É preciso considerar que a *Claridade* foi apenas uma voz em um debate maior que tem início já no final do século XIX, quando se forma em Cabo Verde um espaço de reivindicação de autonomia, com a intervenção da elite intelectual cabo-verdiana no mundo político. Como em tantos outros contextos, também no caso cabo-verdiano os intelectuais foram verdadeiros arquitetos do nacionalismo, atores sociais diretamente implicados na produção da nação.¹² Mas não podem ser tomados analiticamente como um grupo uniforme. A elite local em Cabo Verde constituiu-se como um grupo heterogêneo, com interesses distintos, envolvido em lutas intelectuais pelo protagonismo na definição da identidade nacional cabo-verdiana.¹³

Julgo relevante argumentar também que a disputa entre diferentes versões da nação em Cabo Verde não se encerra no âmbito das elites. Ainda que reconheça o modo como a literatura produzida no arquipélago tem atuado como um importante veículo na criação e divulgação de imagens da nação, noto que outras vozes oriundas das classes populares contribuem para o debate identitário. Se os literatos são peças cruciais na construção de um projeto político, social e cultural para Cabo Verde, outros grupos têm expressado concepções muito particulares sobre o modo de ser cabo-verdiano. São elaborações não-sistemáticas, sem teor explicitamente ideológico, advindas do domínio da oralidade, mas que igualmente têm contribuído para a construção da nacionalidade em Cabo Verde. Exemplo disso são as construções sobre a nação encontradas no campo da música popular, em suas várias versões, da morna ao batuque.¹⁴ Neste artigo, porém, procuro limitar a análise exclusivamente ao discurso dos intelectuais que contribuíram na publicação da revista *Claridade*.

Clareando o caminho entre a civilização e a “alma cabo-verdiana”

O projeto traçado na elaboração da revista *Claridade* e a forma que a publicação tomou ao longo de seus nove números conformam uma importante fonte para a análise da questão proposta neste artigo. A alternância – e às vezes a concomitância – entre a afirmação da cultura cabo-verdiana e a reivindicação pelo *status* de nação civilizada é revelada tanto no conteúdo da revista quanto no código utilizado para sua expressão.

O discurso dos fundadores do movimento Claridade ressalta como proposta primeira de trabalho a atenção às questões referentes a Cabo Verde. Em contraposição à geração anterior de

¹¹ Noto, a título de exemplo, que o movimento literário Claridade é atualmente homenageado, na figura de Jorge Barbosa, na nota de 500 escudos cabo-verdianos emitida pelo Banco de Cabo Verde.

¹² BOYER, Dominic; LOMNITZ, Claudio. Intellectuals and Nationalism: Anthropological Engagements. *Annual Review of Anthropology*, v. 34, 2005, pp. 105-120.

¹³ ANJOS, José Carlos Gomes dos. Cabo Verde e a importação do ideograma brasileiro da mestiçagem. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, 2000, pp. 177-204.

¹⁴ NOGUEIRA, Gláucia. *Batuku de Cabo Verde: percurso histórico-musical*. Lisboa: Edições Sílabo, 2015.

escritores cabo-verdianos, que teria se preocupado fundamentalmente com a Pátria portuguesa e a “ufania de uma descendência lusitana”,¹⁵ os claridosos concentrariam seus interesses nos assuntos relacionados às Ilhas. Segundo Baltasar Lopes,¹⁶ um dos fundadores da revista, o programa do grupo *Claridade* estava orientado pelo seguinte lema: “finçar os pés na terra”. Era necessário olhar para os problemas e a vida do povo de Cabo Verde – suas tradições, seus costumes, suas dificuldades. No processo político-intelectual de construção da nação cabo-verdiana, portanto, o primeiro passo consciente e explícito era o direcionamento do olhar para a cultura que particularizava esse povo. O programa dos fundadores da revista incluía ainda o estudo da formação social das Ilhas. Em um momento de construção da nação, a ideia de resgatar as raízes e (re)construir seu mito de origem era central no embasamento da unidade nacional.

Nos nove números da revista *Claridade* podemos encontrar temas bastante diversificados, sendo a maioria relacionada a Cabo Verde. Entre os temas contemplados na revista estão os costumes e as crenças do povo cabo-verdiano, as dificuldades causadas pela seca, a fome, a emigração, o mar e a vida portuária, entre outros. Há ainda transcrições de batuques e mornas – gêneros musicais cabo-verdianos –, contos populares, além de pequenas etnografias. O objetivo principal dessas abordagens era a afirmação da especificidade de Cabo Verde, de modo a ressaltar a “alma cabo-verdiana”, pensada enquanto uma unidade fundada em uma herança cultural comum.

A preocupação dos editores da revista com a preservação e o estudo do folclore cabo-verdiano é especialmente significativa. São diversas as comunicações publicadas com o intuito de reforçar a necessidade de recolha e conservação de material sobre o folclore local. A ideia da preservação de uma herança cultural comum a determinado povo é central na construção da especificidade e unidade nacional. Aliás, processos semelhantes a este são bastante recorrentes. No já mencionado caso de construção nacional ocorrido na Alemanha, por exemplo, o empenho de Herder na consolidação do espírito nacional alemão representou um impulso fundamental aos estudos de folclore. E hoje, preocupações semelhantes surgem em novas roupagens, sobretudo na linguagem do patrimônio. Ocupando lugar privilegiado na agenda política de vários países, a noção contemporânea de patrimônio representa algumas transformações consideráveis na maneira de abordar as manifestações da cultura material e imaterial, mas se sustenta ainda no tripé constituído pelas ideias de valor, propriedade e preservação.¹⁷ Trata-se de um campo discursivo hoje institucionalizado pela UNESCO, mas que remete a uma história mais profunda, muito familiar ao moderno pensamento ocidental.¹⁸ E, cabe ressaltar, tal noção de patrimônio opera diretamente na fronteira aqui abordada entre o particular e o universal. Ela tem por base a percepção de que aquilo que é singular a um povo pode ter seu valor universalmente reconhecido.

¹⁵ FERREIRA, Manuel. O fulgor e a esperança de uma nova idade. Prefácio à edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

¹⁶ LOPES, Baltasar. Depoimento para a edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

¹⁷ A importância das ideias de valor, propriedade e preservação na constituição da noção de patrimônio pode ser observada nas “Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial”, publicadas em 2008 pelo Comitê Intergovernamental para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. O referido texto trata dos “bens inestimáveis e insubstituíveis” de um país e, em última instância, de toda a humanidade, portadores de “um valor universal excepcional” e que precisam ser “muito especialmente protegidos contra os perigos cada vez maiores que os ameaçam”. Ver: UNESCO. Comitê Intergovernamental para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. *Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Patrimônio Mundial*, 2008. Acessível em: <http://whc.unesco.org/archive/opguide08-pt.pdf>.

¹⁸ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Retornando ao caso cabo-verdiano, insisto que a ideia de preservação do folclore local operacionalizada pelos claridosos reforça não apenas a afirmação da especificidade de Cabo Verde, mas também se relaciona a um discurso de aspiração à civilização. Félix Monteiro, no artigo “Bandeiras da Ilha do Fogo”, publicado na revista *Claridade*, afirma que “nos países civilizados [...] o folclore é amparado com muito carinho pelo governo”¹⁹ e, portanto, Cabo Verde deve fazer o mesmo. Este é um exemplo inequívoco do trânsito entre as noções de cultura e civilização. A afirmação da herança cultural não é apenas parte fundamental de um projeto de construção da nação. Mais especificamente, é parte de um projeto que pretende seguir o modelo de construção nacional estabelecido pelos países europeus. O olhar para dentro, para as tradições cabo-verdianas e suas origens, não está desvinculado do desejo de aproximação ao modelo europeu de civilização.

Ao lado da afirmação da cultura cabo-verdiana através da predominância de temas regionais está a proposta de elaboração de uma revista em conformidade com os padrões estético-literários do movimento modernista. O contexto do surgimento da revista *Claridade* esteve profundamente marcado pelas novas tendências estabelecidas pelo modernismo, que proporcionava uma verdadeira reforma no cenário literário, tanto no Brasil quanto em Portugal. Esse novo olhar sobre a realidade, com suas inovadoras concepções estéticas, influenciaram sobremaneira o movimento literário que em Cabo Verde se constituía.

Com relação ao grupo que fundou a revista *Claridade*, os estímulos imediatos foram, se me permitem cercear algumas raízes, primeiro a reação modernista da revista *Presença*, [...] e, a seguir, mais de perto e mais fortemente, o modernismo e o neo-realismo brasileiros, que foram a expressão definitiva da “nacionalização literária brasileira”. O primeiro, formal, estético, representando, ao mesmo tempo, um esforço de integração europeia e oferecendo o seu exemplo fecundo de rompimento com as fórmulas gastas e preconizando a liberdade de expressão; estes últimos de forte radicação nacional, identificados com o meio físico e social, evocando o homem brasileiro e os problemas sociais do Brasil, mas sempre humanos e universais nos seus propósitos revolucionários.²⁰

Através dessa dupla influência, os claridosos projetaram sua adesão à vanguarda modernista. E a participação neste movimento possibilitou a ascensão da literatura cabo-verdiana a um *status* altamente valorizado. Símbolo de modernidade e progresso, o modernismo atuou como o elo que mantinha os escritores cabo-verdianos vinculados às tendências de vanguarda do cenário literário mundial.

O discurso claridoso a respeito da estética literária modernista ressaltava o “atraso” em que se encontravam os escritores cabo-verdianos das gerações anteriores e a necessidade de uma reforma nos padrões de escrita, capaz de proporcionar a renovação do próprio espírito cabo-verdiano. Jorge Barbosa, outro fundador da revista *Claridade*, criticou duramente a adesão dos escritores cabo-verdianos ao “gosto barroco”, revelador do “estado de atraso cultural” em que viviam:

¹⁹ MONTEIRO, Félix. Bandeiras da Ilha do Fogo. *Claridade*, v. 8, 1958, pp: 9-22.

²⁰ LOPES, Manuel *apud* FERREIRA, Manuel. O fulgor e a esperança de uma nova idade. Prefácio à edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

O defeito que a maioria da nossa gente tem de se embasbacar ante uma dessas prosas substanciais com que é costume deparar-se é um defeito que revela o nosso estado de atraso cultural e até da nossa educação, embalsamada de velharias e inúteis tradições. [...] Vivemos com os olhos no passado, amando o ritual ainda orientador dos nossos hábitos e preconceitos.²¹

Se a estética literária barroca revelava, nas palavras de Jorge Barbosa, “o atraso em que vamos na civilização”, era necessária, portanto, uma reforma capaz de superar este atraso e permitir a Cabo Verde partilhar dos benefícios do progresso. O programa do movimento Claridade não visava apenas a construção da nação cabo-verdiana, mas de uma nação cabo-verdiana moderna e civilizada. Preconizando os ideais que viria a assumir a *Claridade*, Jorge Barbosa afirmou:

As características de um jornal nosso não seriam de recolhimento regionalista, mas, antes, de desprendimento e universalidade. [...] ao mesmo tempo preocupar-se-ia com o que se passa aqui e se interessaria com o que se passa ao largo – de onde nos chegam elementos do nosso aperfeiçoamento moral e cultural. Enfim, o periódico ideal [...] seria aquele que, libertando-se das normas burguesas, pugnassem com firmeza pela nossa reforma espiritual, intelectual, cívica e material e nos trouxesse aos nossos olhos os panoramas da época com as suas novidades.²²

É evidente a preocupação em estar a par dos progressos da humanidade. E o aperfeiçoamento proporcionado com a reformulação da literatura cabo-verdiana parecia ultrapassar os limites do espaço literário, alcançando o aperfeiçoamento do espírito cabo-verdiano como um todo. A adoção da estética literária modernista permitiria, nos termos de Jorge Barbosa, a realização de um verdadeiro “saneamento espiritual”. O modernismo, no discurso dos claridosos, promoveria a cura para um atraso do qual supostamente padeciam os cabo-verdianos. A civilização é aqui equacionada com um sentido mais amplo de pureza e higiene, contraposta às impurezas de um estilo de vida não-civilizado, marcado pela debilidade que vai além do corpo físico e atinge também o espírito.

A reação suscitada pela revista *Claridade* em Portugal é um outro indicador do significado da adesão dos escritores cabo-verdianos ao movimento modernista. Destaco aqui duas comunicações, escritas por intelectuais da Metrópole, a respeito do movimento Claridade. A primeira delas é publicada na revista portuguesa *Presença*:

A publicação do número três da *Claridade*, revista de artes e letras, que se publica em São Vicente, é a primeira manifestação de autêntico espírito moderno português fora da Metrópole, e calcula-se o admirável esforço que representa, quando no Continente os esforços idênticos se vêem ainda a braços com dificuldades de toda a ordem.²³

²¹ BARBOSA, Jorge *apud* FERREIRA, Manuel. O fulgor e a esperança de uma nova idade. Prefácio à edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

²² BARBOSA, Jorge *apud* FERREIRA, Manuel. O fulgor e a esperança de uma nova idade. Prefácio à edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

²³ Redação da revista *Presença* *apud* FERREIRA, Manuel. O fulgor e a esperança de uma nova idade. Prefácio à edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.

A adesão dos claridosos ao movimento modernista apontava para sua participação efetiva no processo literário vivenciado simultaneamente em Portugal. Através do movimento *Claridade*, Cabo Verde não apenas se igualava à Metrópole, mas se aproximava do que havia de mais moderno no contexto lusitano. Partilhando de um mesmo mundo literário, os cabo-verdianos poderiam também reivindicar sua participação no mundo civilizado.

A segunda comunicação foi publicada na própria revista *Claridade*. Em um artigo intitulado “Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil”, o crítico literário português José Osório de Oliveira ressaltava, em comentário sobre os jovens escritores das Ilhas, que “o alto nível mental dos caboverdeanos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa e da nossa capacidade civilizadora”.²⁴ Com isso, o autor exaltava a “glória eterna” da missão civilizadora portuguesa, ao mesmo tempo em que elevava o *status* de Cabo Verde, aclamado como manifestação da civilização. Fundamental a destacar é o fato de tal artigo ter sido publicado na revista *Claridade*, o que revela a importância da legitimação da intelectualidade portuguesa no desenvolvimento do projeto dos claridosos. A Metrópole aparece como um importante interlocutor na construção da nação cabo-verdiana. A consagração do movimento *Claridade* pelos intelectuais portugueses era mais um significativo reforço ao pleito cabo-verdiano pela participação no mundo civilizado.

A predominância da língua portuguesa entre os textos publicados pela revista *Claridade* é um outro indicador da participação de Portugal como interlocutor privilegiado na elaboração do discurso claridoso. Vale lembrar que a população cabo-verdiana está imersa em uma situação linguística usualmente descrita como um bilinguismo social. Nessa comunidade de fala, duas línguas – o português e o crioulo – estão em estreito contato. Porém, o uso regular de cada uma delas nas interações sociais remete a domínios específicos. O português é a única língua oficial do país, usada, por exemplo, nas escolas e nas instituições governamentais. Já o crioulo cabo-verdiano é a língua materna de quase toda a população, fortemente presente nas atividades cotidianas. Quando se fala da “língua nacional”, é ao crioulo que se faz referência.²⁵

A língua crioula, importante símbolo da unidade cabo-verdiana e de sua distinção com relação à Metrópole, não está ausente no projeto de construção nacional levado a cabo pelos claridosos. No entanto, sua participação nessa versão da nação cabo-verdiana foi objeto de constante negociação. No âmbito da revista, o crioulo foi foco de alguns artigos, sujeito a uma análise linguística preocupada fundamentalmente em traçar as origens desse símbolo da cultura cabo-verdiana. Tais análises destacavam a participação das línguas africanas na formação do crioulo, mas enfatizavam sobretudo a contribuição da língua portuguesa nesse processo de formação linguística. Baltasar Lopes, por exemplo, em “Uma Experiência Românica nos Trópicos”, procurou demonstrar a persistência de um tronco românico no crioulo.²⁶ Tal negociação entre as origens africanas e lusitanas voltará a ser abordada adiante. Aqui importa observar que o crioulo, por causa da especificidade de seu processo de formação, continua sendo essencial na construção da individualidade da cultura cabo-verdiana. Ele é frequentemente tomado como o veículo privilegiado para a expressão das tradições e memórias comuns ao povo de Cabo Verde.

²⁴ OSÓRIO DE OLIVEIRA, José. Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil. *Claridade*, v. 2, 1936, p. 4.

²⁵ AUTOR, 2002.

²⁶ LOPES, Baltasar. Uma experiência românica nos trópicos. *Claridade*, v. 4, 1947, pp. 15-22 & *Claridade*, v. 5, 1947, pp. 1-10.

Há na revista *Claridade* alguns poucos textos publicados em crioulo. São estes, porém, sempre seguidos de uma tradução para o português, o que revela a preocupação com um público não falante de crioulo. Também são encontradas notas explicativas sobre a grafia do crioulo, acompanhadas de exemplos, *retirados do inglês*, para indicar a pronúncia correta dos vocábulos. Essa utilização do crioulo, escassa e cercada sempre de muito receio, revela que a *Claridade* ainda era uma literatura escrita, em grande medida, para a Metrópole. Não posso deixar de notar que, no quinto número da revista, foi publicado o poema “Ignoto Deo”,²⁷ escrito exclusivamente em língua francesa, sem tradução. Isto não apenas indica mais uma vez a delimitação do público a que se destina, como também a aspiração do autor à “civilização”, em seu sentido iluminista, fortemente influenciado pelo domínio francês.

A forma como o crioulo aparece na revista condensa o dilema sempre presente entre a “civilização” e a “cultura”. Como ser autêntico e, simultaneamente, aspirar à universalidade? Como afirmar a especificidade cabo-verdiana, fortemente simbolizada pelo crioulo, sem no entanto fechar as portas a um público tido como civilizado? Apesar das dificuldades encontradas na resolução desse dilema, podemos perceber que o embate entre “civilização” e “cultura” é parcialmente resolvido na *Claridade* com a adoção de uma temática regional, expressa através de um código tido como universal. A temática que se sobressai na revista reforça a especificidade da cultura cabo-verdiana, enquanto a estética modernista, em língua portuguesa, responde aos anseios por um *status* privilegiado no mundo literário, possivelmente estendido à nação cabo-verdiana como um todo, que participaria, através da literatura, do tão valorizado mundo civilizado.

A espacialização da civilização

Passamos agora à análise de alguns temas desenvolvidos na *Claridade*, a fim de observar como cada um deles articula de modo particular os projetos elaborados pela revista. Um dos temas centrais refere-se ao meio ambiente em Cabo Verde. O clima pode ser considerado como um fator de grande influência na formação do país, sujeito a frequentes e prolongadas estiagens ao longo de toda a sua história. A seca e as crises de fome causadas por ela condicionaram em larga medida sua trajetória socioeconômica, contribuindo para a dura realidade vivenciada pela população do arquipélago, obrigada a enfrentar uma série de dificuldades para sua sobrevivência. Mas a importância do clima em Cabo Verde estende-se também a outros domínios. Desde às fases primeiras da colonização aos tempos atuais, as percepções culturais sobre a paisagem em Cabo Verde influenciaram profundamente as representações sobre a sociedade constituída naquelas ilhas atlânticas.²⁸ Apropriado com destaque no discurso dos ideólogos do movimento *Claridade*, o meio ambiente do arquipélago foi tomado como um fator central na construção da personalidade do homem cabo-verdiano.

Teorias relacionadas à crença na influência do ambiente na constituição dos seres humanos povoaram o pensamento ocidental desde a Antiguidade Clássica, possivelmente sendo tão antigas quanto a própria ideia de civilização. Diversos são os pensadores que se basearam, em maior ou menor grau, em algum tipo de determinismo ambiental para a explicação da diversidade da espécie humana. Autores como Herder, Buffon e Rousseau, embora pertencentes a tradições bastante distintas, defenderam igualmente o argumento de que os grupos humanos são produto, entre

²⁷ ALCÂNTARA, Osvaldo. Ignoto Deo. *Claridade*, v. 5, 1947, p. 12.

²⁸ LOBO, Andréa de Souza. Construindo paisagens e pessoas: colonização, espaço e identidades em Cabo Verde. *Anuário Antropológico*, v. 40, n. 2, 2015, pp. 121-150.

outros fatores, do clima e da geografia – conforme podemos ver nas análises feitas por Isaiah Berlin²⁹ e Michèle Duchet.³⁰

O ambiente consolidou-se também como um importante fator explicativo para os diversos graus de desenvolvimento que estavam aptos a alcançar os diferentes povos. Em outras palavras, a civilização era pensada em termos espaciais, relacionada à diversidade de ambientes encontrados no mundo. A ideia de que a civilização teria uma localização geográfica definida guiou em larga medida o pensamento no século das luzes. Oposições entre norte e sul, quente e frio, leste e oeste, serviram igualmente para falar da desigualdade dos povos no processo civilizatório.

O que percebemos na análise dos textos publicados na revista *Claridade* é que, em plena década de 30 do século XX, o discurso determinista é retomado na construção da especificidade cabo-verdiana. Conforme este discurso, a personalidade do homem cabo-verdiano é condicionada por fatores de ordem climática e geográfica. O meio ambiente é destacado com uma participação central na formação da idiossincrasia crioula. Como afirma o escritor Artur Augusto, em “O Sentido Heróico do Mar”:

A paisagem, mais do que nenhum outro factor, molda na alma dos povos os seus defeitos e virtudes – as suas qualidades; vincando-se tão fundamente, que, embora afastados pelo tempo e pela distância, os homens que algum dia nasceram sob um mesmo céu, mantem muitas particularidades comuns.³¹

O cabo-verdiano é, assim, o “homem do mar”, que, estando habituado aos horizontes largos, tem a alma grande e é essencialmente contemplativo.³² Outras vezes, é a seca que assume a centralidade na formação da personalidade do habitante das Ilhas. É o homem cabo-verdiano descrito como um homem “resignado”, uma vez que “a natureza ingrata [...] lhe tira as qualidades mais apreciadas no mundo pragmático de hoje”.³³

Os artigos que procuram relacionar a especificidade do homem cabo-verdiano ao ambiente em que vive, como os destacados acima, são mais frequentes nos primeiros números da revista, isto é, até o terceiro número, publicado em 1937. Mas esta percepção sobre a natureza e seus impactos sobre a população local nunca foi completamente excluída entre os intelectuais cabo-verdianos. A título de exemplo, cito o artigo “O erro de A. Carreira”, de Humberto Cardoso, publicado em 1998 na revista *Cultura*, cujo argumento central retoma a temática determinista ao afirmar que o homem cabo-verdiano é o produto de uma existência no limiar da sobrevivência, condicionada pelas secas que devastaram o país.³⁴ E a natureza continua a ser um sujeito de destaque mesmo nos documentos oficiais do Estado cabo-verdiano, ainda que retomada em narrativas mais sintonizadas com uma perspectiva desenvolvimentista moderna.³⁵ O que particulariza o discurso apresentado na *Claridade*, porém, é que ali a nação cabo-verdiana, além de ser construída em conformidade com seu ambiente, é também definida como um espaço caracterizado pela impossibilidade de pleno desenvolvimento da civilização. A construção espacial da civilização prevalecente na história do

²⁹ BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

³⁰ DUCHET, Michèle. *Antropologia e historia en el siglo de las Luces*: Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvecio, Diderot. México: Siglo Veintiuno editores, 1975.

³¹ AUGUSTO, Artur. O sentido heróico do mar. *Claridade*, v. 3, 1937, p. 4.

³² AUGUSTO, Artur. O sentido heróico do mar. *Claridade*, v. 3, 1937, p. 4.

³³ OSÓRIO DE OLIVEIRA, José. Palavras sôbre Cabo Verde para serem lidas no Brasil. *Claridade*, v. 2, 1936, p. 4.

³⁴ CARDOSO, Humberto. O erro de A. Carreira. *Cultura*, v. 2, 1998, pp. 32-43.

³⁵ LOBO, Andréa de Souza. Construindo paisagens e pessoas: colonização, espaço e identidades em Cabo Verde. *Anuário Antropológico*, v. 40, n. 2, 2015, pp. 121-150.

pensamento europeu é apropriada literalmente por esse grupo de intelectuais, como vemos no poema “Écran”, de Manuel Lopes:

Para além destas ondas que não param nunca,
atrás deste horizonte sempre igual,
[...]
- há outros gritos diferentes,
os olhos cheios de outra imagem do mundo,
nervos febris picados do delírio da civilização
que a distância do Atlântico dissolve antes de chegar;
[...]
e há os pormenores: [...]
as ambições multimilionárias
dos reis de coisas várias
enchendo o mundo de cartazes
que são a beleza do século XX,
e que os meus olhos vorazes,
angustiosos, de pedinte
sorvem nos jornais e revistas atrasadas.³⁶

A “distância” de Cabo Verde é a distância que o separa da civilização, incapaz de transpor a barreira do Atlântico. Ainda, trata-se de uma distância concebida também em termos temporais, equacionada com o “atraso” de que padece o arquipélago, isolado da “beleza do século XX”. Mas o próprio discurso que caracteriza de maneira negativa a situação do arquipélago também encontra na especificidade do povo cabo-verdiano sua solução: a emigração, outro tema central na revista. A forte mobilidade populacional que marca a história de Cabo Verde aparece, na *Claridade*, como crucial na caracterização do modo de ser específico do homem cabo-verdiano. O desejo de partir e a necessidade de ficar, os sonhos, os temores e a expectativa pelo bem-sucedido regresso são temas recorrentes entre os poemas publicados na revista.

Especialmente significativo para nossa discussão é que, através da emigração, os ideólogos do movimento *Claridade* reconstruem a possibilidade de acesso do cabo-verdiano à civilização. A partir de sua inclinação para a emigração, o homem cabo-verdiano é remodelado como um homem curioso, com gosto pelo conhecimento, com “instinto de expansão” e “desejo de progresso”. É um homem “inquieto”, que não se contenta com pouco e que sente a necessidade de ir ao encontro da civilização. Enfim, os textos dos claridosos apresentam-se como uma ode à *potencialidade* civilizatória do homem cabo-verdiano.

Se Cabo Verde, em virtude de suas condições ambientais, não estimula o progresso, o homem cabo-verdiano, plenamente apto à civilização, e mesmo ansiando por ela, procura em outros países a realização de todas as suas potencialidades. Contra a “monotonia” e a “resignação”

³⁶ LOPES, Manuel. Écran. *Claridade*, v. 1, 1936, pp. 4 e 7.

das Ilhas, tão enfadonhas ao espírito ambicioso do cabo-verdiano, há a possibilidade de emigração, através da qual ele pode, enfim, alcançar a civilização. Destarte, apesar de o discurso da espacialização da civilização colocar um problema para a persistente reivindicação do *status* de nação civilizada a Cabo Verde, os claridosos encontram na mobilidade do cabo-verdiano uma criativa solução. É o que afirma Manuel Lopes em “Tomada de Vista”, publicado no primeiro número da revista: “E então fora de Cabo Verde, não só no estrangeiro como na MetrÓpole, sente-se mais *ê*le mesmo, não vê ‘contrariadas’ suas possibilidades de realização”.³⁷

Reconstruindo a distância entre África e Europa

Localizado no Oceano Atlântico, distante cerca de 500 km da costa ocidental do continente africano, o arquipélago de Cabo Verde apresenta em sua posição geográfica um curioso dilema: Cabo Verde, afinal, é ou não é África? Esta pergunta assume grande peso na definição da identidade cabo-verdiana. Podemos acrescentar ainda o fato de que o arquipélago esteve desabitado até o momento em que foi descoberto e povoado pelos portugueses, juntamente com os escravos africanos trazidos por eles, o que dificultaria uma definição em termos da prioridade de um ou outro grupo. Cabo Verde mantém-se, portanto, numa posição bastante ambígua, sujeita às mais diversas construções.

A produção sócio-antropológica sobre Cabo Verde está repleta de discussões sobre o dilema identitário desse povo entre África e Europa – considerando-se tanto os trabalhos de autores estrangeiros (a exemplo de AUTOR,³⁸ Fêo Rodrigues³⁹ e Trajano Filho⁴⁰) quanto a crescente produção endógena (Anjos,⁴¹ Fernandes,⁴² Furtado⁴³ e Rocha⁴⁴). O assunto, que muitas vezes parece já explorado à exaustão, acaba voltando à tona, dada sua centralidade para a compreensão da sociedade cabo-verdiana. É uma questão que remete às origens do processo de formação social ocorrido nas Ilhas e que se mantém plena de significado nos dias de hoje, atualizada conforme o contexto sociopolítico. Ao abordar as narrativas construídas pelos ideólogos da *Claridade*, mais uma vez faz-se necessário tratar dessa plasticidade e ambivalência identitária. O tema da identidade cabo-verdiana e sua proximidade (ou distanciamento) em relação à África, por um lado, e a Portugal, por outro, é recorrente na *Claridade* e sujeito a muita negociação. Assim como esta questão nunca esteve de fato resolvida no contexto mais amplo da construção da nação cabo-verdiana, também nos limites da *Claridade* e suas narrativas não se encontra uma posição mais definida.

³⁷ LOPES, Manuel. Tomada de vista. *Claridade*, v. 1, 1936, pp. 5-6.

³⁸ AUTOR, 2004.

³⁹ FÊO RODRIGUES, Isabel P. B. *Crafting nation and creolization in the islands of Cape Verde*. Tese de Doutorado, Brown University, 2002.

⁴⁰ TRAJANO FILHO, Wilson. Dentro e fora de casa: o pendular jogo de imagens da África em Cabo Verde. MOTTA, Antonio; LOBO, Andréa de Souza; TRAJANO FILHO, Wilson (orgs.). *A África fora de casa: imagens fora de lugar*. Recife: Editora UFPE, 2014.

⁴¹ ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre/ Cidade da Praia: Ed. UFRGS/ INIPCV, 2002.

⁴² FERNANDES, Gabriel António Monteiro. *Em Busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/ Cidade da Praia: Editora da UFSC/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

⁴³ FURTADO, Cláudio Alves. Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 49, n. 1, 2013, pp. 2-11.

⁴⁴ ROCHA, Eufémia V. *Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm de África: xenofobia e racismo em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Cabo Verde, 2009.

A mestiçagem é um tema forte no discurso do movimento claridoso – e no contexto colonial em geral, naquele período altamente influenciado pelos trabalhos de Gilberto Freyre. No âmbito da revista, a miscigenação apresenta-se como um símbolo central na construção da especificidade cabo-verdiana. Contudo, a discussão sobre miscigenação constitui-se como um campo da ambiguidade por excelência. O mestiço pode ser apresentado através da ideia de “mistura” entre duas ou mais matrizes étnicas/culturais. Pode ser ressaltada, assim, uma continuidade entre o mestiço e suas matrizes originais, que podem, por sua vez, ser mais ou menos reforçadas conforme o contexto e os interesses em jogo. Mas o mestiço também pode ser apresentado como um ser autêntico, em oposição às matrizes que lhe deram origem. Portanto, dizer que o movimento Claridade teve como enfoque o caráter mestiço do homem cabo-verdiano é dizer muito pouco. É necessário analisar as diversas (e muitas vezes contraditórias) formas como a mestiçagem é construída e, especialmente, observar como é delineada a imagem de seus elementos constitutivos: os africanos e os portugueses.

A África aparece nos artigos da *Claridade* de maneira ambígua. Os artigos que procuraram retratar o folclore cabo-verdiano são os que mais enfatizam a herança africana. Contudo, essa herança foi sempre construída sob a forma de “sobrevivências” ou “meras reminiscências”. Enfim, ela parecia ser apenas o reflexo de um passado que merece ser pesquisado e preservado, mas que já não tem participação ativa na moderna nação cabo-verdiana, restringindo-se ao domínio do folclore. Félix Monteiro, por exemplo, no já mencionado artigo etnográfico sobre as Bandeiras da Ilha do Fogo, afirmava, quanto aos vestígios da África Negra, que eles não representam nada mais do que “a petrificação de insignificantes resíduos de culturas ultrapassadas”.⁴⁵ No discurso claridoso, a presença africana estava limitada à consideração de um passado, cristalizado no tempo.

A necessidade de ressaltar a herança africana, mesmo que apenas sob a forma de sobrevivência de um tempo já ultrapassado, está diretamente relacionada ao fato de que, na construção de uma identidade crioula, não se pode fechar àquilo que a alimenta. Em outras palavras, a afirmação da especificidade mestiça de Cabo Verde implica a ênfase na participação africana na sua formação. Mas a narrativa que perpassa os textos publicados na *Claridade* indica que, se a herança africana foi fundamental na construção do que representa a particularidade cabo-verdiana, as mais recentes relações entre o arquipélago e o continente, por sua vez, teriam a marca do distanciamento. Como parte das “raízes” de Cabo Verde, a África não está ausente. Mas a miscigenação deu origem no arquipélago a uma cultura autêntica que se constrói em larga medida em oposição à cultura africana.

Em dois artigos da revista, esta oposição entre África e Cabo Verde é especialmente destacada. Manuel Lopes, no primeiro número da *Claridade*, descreve a seguinte cena:

É vulgar verem-se desembarcar nestas ilhas africanas, principalmente em S. Vicente, estrangeiros sedentos de exotismos, com aquela doentia curiosidade de quem pisa terras de África e, por conseguinte, terras de mistério, e que ao cabo de meia hora de cirandagem, tornam a embarcar desiludidos e azedos, porque nada de novo colheram, nenhum mistério desvendaram: não viram manipansos, não assistiram sequer a uma sessão de magia negra.⁴⁶

⁴⁵ MONTEIRO, Félix. Bandeiras da Ilha do Fogo. *Claridade*, v. 8, 1958, pp. 9-22.

⁴⁶ LOPES, Manuel. Tomada de vista. *Claridade*, v. 1, 1936, pp. 5-6.

A crítica ao europeu em busca do exotismo em terras cabo-verdianas evidencia a preocupação do autor em desconstruir determinada imagem do arquipélago e revelar uma reconstrução das Ilhas a partir da oposição à África – e, especialmente, ao imaginário europeu sobre a África. Esse distanciamento entre Cabo Verde e África pode ser observado com ainda mais força no artigo de Pedro de Sousa Lobo, publicado no último número da revista *Claridade*. O autor desenvolveu o argumento de que a África só pode ser encontrada na superficialidade da realidade cabo-verdiana. Segundo o autor, dizer que Cabo Verde é África por causa do número de negros e mistos, ou por causa das reminiscências africanas no folclore, é deixar-se influenciar pelo episódico, pelo exótico e pelo anedótico. É voltar as costas à realidade.

[...] aquilo que a um determinado observador pode parecer África, África viva, herança africana, sobrevivência africana, comportamento africano, simples reminiscência (mais ou menos acentuadas, mais ou menos ténue) africana, sê-lo-á inquestionavelmente? O observador estará perfeitamente cômico da identificação? Não lhe terá escapado qualquer pormenor importantíssimo menos visível? Nenhuma sombra terá sorratamente, sem que o pressinta, embaciado as suas lentes? Relativamente a Cabo Verde, coisas que para uns são “África”, outros, igualmente autorizados (mas mais qualificados por uma longa e consciente permanência nas ilhas) identificam como “Europa”.⁴⁷

No distanciamento radical em relação à África, Pedro de Sousa Lobo constrói a aproximação entre Cabo Verde e Europa. A ênfase na importância da miscigenação na formação da sociedade crioula, com a qual o autor inicia seu artigo, vai sendo progressivamente substituída por uma afirmação de Cabo Verde enquanto produto da criação “em pleno Trópico, de mais uma autêntica província de Portugal, indiferenciada (sobretudo sob o ponto de vista cultural) das províncias irmãs metropolitanas”. Em profunda harmonia com a Metrópole, Cabo Verde ressurgiu como uma manifestação genuína do espírito lusitano, “a derradeira recorrência do mundo mediterrâneo”. Se a presença africana na constituição da base étnica da população cabo-verdiana não pode ser encoberta, a realização civilizadora portuguesa é revigorada. E Cabo Verde é, assim, reconstruído como a nação “onde a infusão do sangue branco é tão débil quanto é forte a sua influência de civilização”.⁴⁸

Em uma revista voltada para a construção do espírito nacional em Cabo Verde, foi apresentada em seu último número, já em 1966, essa derradeira afirmação da proximidade entre Cabo Verde e Europa, entre Cabo Verde e a civilização. A *Claridade* começa e termina afirmando: quem procura a África em Cabo Verde não a encontra. Por outro lado, a aproximação a Portugal nunca é negada, uma vez que é ela, enfim, a aproximação ao mundo civilizado. Embora haja, simultaneamente, uma ênfase na especificidade cabo-verdiana, a ideia que se destaca é a de Cabo Verde como uma manifestação do espírito lusitano e civilizado compartilhado com a Metrópole.

Importa ressaltar que, nos últimos anos do movimento *Claridade*, seus partícipes já conviviam com a crítica direta advinda de outros segmentos da elite intelectual. A partir da década de 1950, o campo de produção literária nas Ilhas via surgir uma luta mais frontal pela independência

⁴⁷ SOUSA LOBO, Pedro de. A originalidade humana de Cabo Verde. *Claridade*, v. 9, 1966, pp. 64-69.

⁴⁸ SOUSA LOBO, Pedro de. A originalidade humana de Cabo Verde. *Claridade*, v. 9, 1966, pp. 64-69.

literária e política (ver, por exemplo, Duarte,⁴⁹ Silveira⁵⁰ e Cabral⁵¹), uma luta agora incorporada aos movimentos nacionalistas africanos.⁵² Mesmo assim, os claridosos têm hoje seu trabalho consagrado, sujeito a um processo de releitura e reapropriação, que atribui ao movimento “uma dimensão e uma ação política, se não de rompimento, pelo menos de contestação ao poder colonial”.⁵³

A colônia e os ecos da MetrÓpole

O processo político-intelectual de construção de uma narrativa nacional pelo movimento Claridade apresenta-se com um caráter essencialmente paradoxal. A elaboração de uma narrativa direcionada para a afirmação da “personalidade autônoma” de Cabo Verde acabou por reproduzir, em grande parte, o discurso colonial. Na reivindicação pelo *status* de nação autônoma e civilizada, os escritores cabo-verdianos se depararam com uma concepção de civilização que tinha na MetrÓpole o seu referencial. A igualdade pretendida pelos cabo-verdianos com relação às nações civilizadas – diga-se: as nações europeias – pressupunha, em primeiro lugar, a legitimação destas últimas. Para se tornar independente, parecia preciso mostrar-se “civilizado” aos olhos dos europeus, reproduzindo seus modelos. Em suma, era necessário aproximar-se da Europa, aproximar-se de Portugal, para, enfim, adquirir condições de reivindicar a independência.

Esse não é um caso isolado. A literatura sobre os contextos coloniais e pós-coloniais está repleta de exemplos semelhantes. As elites coloniais frequentemente reproduziram as estruturas de poder herdadas dos colonizadores. Desde os anos 1960 que historiadores e antropólogos vêm apresentando, de modo crescente, uma visão do colonialismo como luta e negociação.⁵⁴ A dicotomia em torno das categorias “colonizador” e “colonizado”, longe de ser algo dado, era resultado de um esforço continuado dos agentes coloniais. Os impérios, para se sustentarem, precisavam forjar essas classificações e hierarquizações – diante de uma realidade muito mais ambígua, permeada por relações de trocas, empréstimos e apropriações.⁵⁵ Nas palavras de Peter Pels, o colonialismo foi sempre um projeto contraditório.⁵⁶ Não é de se estranhar, portanto, que o projeto político-intelectual do movimento Claridade também o fosse.

A ambivalência do discurso colonial tem sido abordada por vários ângulos – como na ideia de mimetismo desenvolvida por Homi Bhabha, apresentada como um prática produtora de semelhança e ameaça, simultaneamente. Trata-se de uma apropriação discursiva por meio da qual

⁴⁹ DUARTE, Manuel. *Caboverdianidade e Africanidade*. Cidade da Praia: Spleen Edições, 1999.

⁵⁰ SILVEIRA, Onésimo. *Consciencialização na literatura cabo-verdiana*. Lisboa: Edições da Casa dos Estudantes do Império, 1963.

⁵¹ CABRAL, Amílcar. *Unity and Struggle: speeches and writings of Amílcar* (com introdução de Basil Davidson). Nova York: Monthly Review Press, 1979.

⁵² CHABAL, Patrick; AUGEL, Moema Parente; BROOKSHAW, David; LEITE, Ana Mafalda; SHAW, Caroline (orgs.). *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*. Evanston: Northwestern University Press, 1996.

⁵³ FURTADO, Cláudio Alves. Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido. *Ciências Sociais Unisinos*, v. 49, n. 1, 2013, pp. 2-11.

⁵⁴ PELS, Peter. The Anthropology of Colonialism: Culture, History, and the Emergence of Western Governmentality. *Annual Review of Anthropology*, v. 26, 1997, pp. 163-183.

⁵⁵ COOPER, Frederick; STOLER, Ann Laura (eds.). *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Berkeley: University of California Press, 1997.

⁵⁶ PELS, Peter. The Anthropology of Colonialism: Culture, History, and the Emergence of Western Governmentality. *Annual Review of Anthropology*, v. 26, 1997, pp. 163-183.

o sujeito colonial desestabiliza o poder colonial. Nas palavras de Bhabha, o mimetismo revela a ambivalência de ser quase o mesmo, mas não exatamente (“almost the same, but not quite”).⁵⁷

O caso aqui abordado revela, certamente, esse caráter ambivalente do movimento Claridade e seu discurso, entre a reprodução do modelo civilizatório europeu e a singularidade de uma nação mestiça. Mas o argumento aqui desenvolvido permite dar mais um passo. O próprio modelo de nacionalismo importado pelos claridosos se sustenta sobre um paradoxo. Como tenho procurado demonstrar, a negociação entre uma ideia universalista de civilização e uma noção particularista de cultura não se limita aos contextos (pós)coloniais. Essas duas ideias opostas e complementares que conformam a base das narrativas nacionalistas estão enraizadas na história do pensamento ocidental. O que o movimento Claridade proporcionou foi a resignificação dessa discussão dentro de um novo contexto, alimentando a ambivalência característica de seu próprio projeto de construção da autonomia nacional cabo-verdiana.

Referência Bibliográfica

ALCÂNTARA, Osvaldo. Ignoto Deo. *Claridade*, v. 5, 1947.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre/ Cidade da Praia: Ed. UFRGS/ INIPCV, 2002.

AUGUSTO, Artur. O sentido heróico do mar. *Claridade*, v. 3, 1937.

BHABHA, Homi. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. *October*, v. 28, 1984.

BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BOYER, Dominic; LOMNITZ, Claudio. Intellectuals and Nationalism: Anthropological Engagements. *Annual Review of Anthropology*, v. 34, 2005.

BROOKSHAW, David. Cape Verde. CHABAL, Patrick; AUGEL, Moema Parente; BROOKSHAW, David; LEITE, Ana Mafalda; SHAW, Caroline (orgs.). *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*. Evanston: Northwestern University Press, 1996.

CARDOSO, Humberto. O erro de A. Carreira. *Cultura*, v. 2, 1998.

CABRAL, Amílcar. *Unity and Struggle: speeches and writings of Amilcar* (com introdução de Basil Davidson). Nova York: Monthly Review Press, 1979.

CHABAL, Patrick; AUGEL, Moema Parente; BROOKSHAW, David; LEITE, Ana Mafalda; SHAW, Caroline (orgs.). *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*. Evanston: Northwestern University Press, 1996.

COOPER, Frederick; STOLER, Ann Laura (eds.). *Tensions of Empire: Colonial Cultures in a Bourgeois World*. Berkeley: University of California Press, 1997.

DUARTE, Manuel. *Caboverdianidade e Africanidade*. Cidade da Praia: Spleen Edições, 1999.

⁵⁷ BHABHA, Homi. Of Mimicry and Man: The Ambivalence of Colonial Discourse. *October*, v. 28, 1984, pp. 125-133.

- DUCHET, Michèle. *Antropologia e historia en el siglo de las luces: Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvecio, Diderot*. México: Siglo Veintiuno editores, 1975.
- DUMONT, Louis. *German Ideology: from France to Germany and back*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- ELIAS, Norbert. Processes of State Formation and Nation Building. *Transactions of the Seventh World Congress of Sociology*, v. 3, 1972.
- FÊO RODRIGUES, Isabel P. B. *Crafting nation and creolization in the islands of Cape Verde*. Tese de Doutorado, Brown University, 2002.
- FERNANDES, Gabriel António Monteiro. *Em Busca da Nação: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo*. Florianópolis/ Cidade da Praia: Editora da UFSC/ Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.
- FERREIRA, Manuel. O fulgor e a esperança de uma nova idade. Prefácio à edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.
- FRANCO, António Cândido. *Exercício sobre o Imaginário Cabo-verdiano* (Simbologia Telúrico-Marítima em Manuel Lopes). Évora: Pendor, 1996.
- FURTADO, Cláudio Alves. Cabo Verde: dilemas étnico-identitários num território fluido. *Ciências Sociais Unisinos*, vol. 49, n. 1, 2013.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário de Souza (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LOBO, Andréa de Souza. Construindo paisagens e pessoas: colonização, espaço e identidades em Cabo Verde. *Anuário Antropológico*, v. 40, n. 2, 2015, pp. 121-150.
- LOPES, Baltasar. Depoimento para a edição compilada de *Claridade: Revista de arte e letras*. Linda-a-Velha: A. L. A. C. – África, Literatura, Arte e Cultura, 1986.
- LOPES, Baltasar. Uma experiência românica nos trópicos. *Claridade*, v. 4, 1947, pp. 15-22 & *Claridade*, v. 5, 1947.
- MONTEIRO, Félix. Bandeiras da Ilha do Fogo. *Claridade*, v. 8, 1958
- NOGUEIRA, Gláucia. *Batuku de Cabo Verde: percurso histórico-musical*. Lisboa: Edições Sílabo, 2015.
- OSÓRIO DE OLIVEIRA, José. Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil. *Claridade*, v. 2, 1936.
- PELS, Peter. The Anthropology of Colonialism: Culture, History, and the Emergence of Western Governmentality. *Annual Review of Anthropology*, v. 26, 1997, pp. 163-183.
- ROCHA, Eufémia V. *Mandjakus são todos os africanos, todas as gentes pretas que vêm de África: xenofobia e racismo em Cabo Verde*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Cabo Verde, 2009.

SAPEGA, Ellen W. Notes on the Historical Context of *Claridade*. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, v. 8, 2002.

SILVEIRA, Onésimo. *Consciencialização na literatura cabo-verdiana*. Lisboa: Edições da Casa dos Estudantes do Império, 1963.

SOUSA LOBO, Pedro de. A originalidade humana de Cabo Verde. *Claridade*, v. 9, 1966.

TRAJANO FILHO, Wilson. Dentro e fora de casa: o pendular jogo de imagens da África em Cabo Verde. MOTTA, Antonio; LOBO, Andréa de Souza; TRAJANO FILHO, Wilson (orgs.). *A África fora de casa: imagens fora de lugar*. Recife: Editora UFPE, 2014.

VEIGA, Manuel (org.). *Cabo Verde: Insularidade e Literatura*. Paris: Karthala, 1998.

Artigo recebido para publicação em: agosto de 2018.

Aprovado para publicação em: maio de 2019.